

Margarida Petter
(organizadora)

Introdução à Linguística Africana



editora**contexto**

Sumário

PREFÁCIO.....	9
<i>José Luiz Fiorin</i>	
INTRODUÇÃO.....	13
<i>Margarida Petter</i>	
LINGUÍSTICA AFRICANA: PASSADO E PRESENTE.....	27
<i>Margarida Petter e Paulo P. Araújo</i>	
A CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS DA ÁFRICA.....	49
<i>Margarida Petter</i>	
FONOLOGIA.....	87
<i>Francisco da Silva Xavier</i>	
MORFOLOGIA.....	127
<i>Cleonice Candida Gomes e Bruno Okoudowa</i>	
SINTAXE E SEMÂNTICA.....	159
<i>Dayane Cristina Pal e Paulo P. Araújo</i>	
AS LÍNGUAS NO CONTEXTO SOCIAL AFRICANO.....	193
<i>Margarida Petter</i>	
LÍNGUAS AFRICANAS NO BRASIL.....	221
<i>Margarida Petter e Ana Stela Cunha</i>	
LÍNGUAS AFRICANAS NO CANDOMBLÉ.....	251
<i>Iya Monadeosi</i>	
BIBLIOGRAFIA.....	281
OS AUTORES.....	295

Prefácio

Durante o século XIX, forja-se a nação brasileira, que se tornara independente em 1822. Uma nação é vista como uma comunidade de destino, acima das classes, acima das regiões, acima das raças. Para isso, é preciso adquirir uma consciência de unidade, a identidade, e, ao mesmo tempo, é necessário perceber a diferença em relação aos outros, a alteridade. Os autores românticos estiveram na linha de frente da construção da identidade nacional. *O guarani*, de José de Alencar, por exemplo, erige um mito de origem da nação brasileira, ao determinar seu casal ancestral, e, ao mesmo tempo, mostra a singularidade de sua língua.

O castelo nos trópicos edificado por D. Antônio de Mariz é o símbolo da colonização portuguesa. Está ele assediado por dois inimigos: um externo, os aimorés, e outro interno, o bando de aventureiros cúpidos rebelados por Loredano. D. Antônio de Mariz manda seu filho, D. Diogo, ao Rio de Janeiro em busca de socorro. A ajuda externa, porém, não chega a tempo. D. Antônio espera o ataque final dos aimorés e faz explodir o paiol de pólvora da casa, matando a todos, os aimorés, os aventureiros, mas também a família. É o edifício colonial que foi destruído e com ele seus inimigos externos e internos. Todos estão mortos, resta apenas o casal inicial. Pode-se, então, construir o mito de origem da nacionalidade.

Quando os aimorés puseram fogo na casa, Peri concebe um plano para salvar sua senhora, a fuga de D. Antônio de Mariz com Cecília. O fidalgo português, contudo, rejeita a possibilidade de abandonar os seus. No entanto, diz que, se Peri fosse cristão, confiar-lhe-ia a filha. O índio aceita ser batizado e recebe o nome cristão de Antônio, o mesmo do velho fidalgo. Peri deve levar Cecília até o Rio de Janeiro, à casa de uma irmã de D. Antônio de Mariz. Foge, então, com sua senhora pelo rio Paquequer. Cecília decide não ir para o Rio de Janeiro, mas passar a viver com o índio.

Nuvens negras acumulam-se nas cabeceiras do Paraíba. Pelo barulho das águas, Peri percebe que a chuva vai provocar uma grande inundação. Vai para a margem do rio com Cecília e vê uma grande massa de água precipitar-se pelo Paraíba. Não tem tempo de embrenhar-se na mata. Sobee, então, ao alto de uma palmeira e fica lá com Cecília. A tempestade continua ao longo da cordilheira, a água cresce sempre.

Peri diz que vai salvar Cecília e conta-lhe o mito de Tamandaré, que narra que, tendo havido um dilúvio que cobriu toda a Terra de água e matou todos os homens, Tamandaré e sua mulher escaparam em cima da copa de uma palmeira, pois a água cavara a terra, arrancara a palmeira e esta subira com as águas acima do vale, das árvores, das montanhas. O casal povoou a Terra. Peri abraça-se à palmeira em que está com Cecília, sacode-a, abala suas raízes, que se desprendem da terra já minada profundamente pela torrente. No fim, a cúpula da palmeira resvala pela flor da água, levando o casal que escapara do dilúvio. Os dois beijam-se. E o livro termina da seguinte maneira: “A palmeira arrastada pela torrente impetuosa fugia... E sumiu-se no horizonte”. O horizonte onde desaparece a palmeira é o futuro do povo que se constituiria a partir de um casal inicial formado de um índio que aceitara os valores cristãos e de uma portuguesa que acolhera os valores da natureza do Novo Mundo. Essa nação teria um caráter cultural luso-tupi.

Esse excursão por um mito de origem da nação brasileira, que não tem nenhuma relação com a África nem com os africanos, pretende ilustrar o fato de que a africanidade foi silenciada no Brasil. A identidade do povo brasileiro, desde o início, foi construída com o mecanismo semiótico da mistura. O Brasil é a síntese do Velho e do Novo Mundo, isto é, uma mistura luso-tupi. Nele, conservam-se os valores lusitanos, mas modificados pelos da natureza americana, ou seja, pelos valores tupis.

Como diz Alfredo Bosi, em *Dialética da colonização*, os mitos ajudam muito mais a compreender a época em que foram forjados do que o universo remoto que pretendem explicar (1992: 176). O selo de nobreza da nação brasileira é dado pela fusão do sangue português com o sangue tupi. Como se vê, da identidade brasileira está excluído o elemento africano. O Brasil considera-se uma mistura, mas, no interior dela, opera um mecanismo de triagem. Não é qualquer elemento que é aceito na mistura. Africanos não entram nessa mistura, são silenciados.

A língua falada no Brasil estrutura-se (e aí Alencar segue as ideias de Herder) de acordo com a alma da nação brasileira. No Brasil fala-se português, mas um português modificado pela natureza brasileira. A língua falada no novo país é um reflexo, na pronúncia, na sintaxe e no léxico, das suavidades e asperezas da natureza da América. Que é que isso significa exatamente? Que se trata de um português que mescla o idioma luso às línguas do novo mundo, principalmente o tupi. Mais uma vez, não se reconhece nenhum papel às línguas africanas na constituição do português brasileiro.

Talvez tenha sido essa concepção de brasilidade a razão da quase total ausência, até bem pouco tempo, da Linguística Africana nas universidades de nosso país. Enquanto a Linguística Indígena sempre gozou de prestígio acadêmico (lembre-se, por exemplo, de que o Decreto 6.283, de 25 de janeiro de 1934, que criou a Universidade de São Paulo, determina, em seu artigo 9º, que a seção de Letras terá uma cadeira de Língua Tupi-Guarani), a Linguística Africana nunca teve, até recentemente, qualquer *status* oficial nas universidades do Brasil. Até hoje, em muito poucas das nossas universidades, há ensino de línguas africanas e pesquisa sobre elas.

Essa ausência levou a ver, de maneira indiferenciada, o panorama linguístico africano. Quando se trata de explicitar a etimologia de uma palavra, é inconcebível, para qualquer dicionarista dizer, por exemplo, “de origem europeia”. Ao contrário, é ponto de honra individualizar de que língua veio uma determinada palavra. No entanto, muitos não se pejam de dizer que um termo qualquer é de origem africana. Ocorre que, na África, desconsideradas as línguas dos antigos colonizadores (inglês, francês, português e espanhol); o africâner, língua originada do holandês; o malgaxe, língua malaio-polinésia e as línguas resultantes de contato (os pidgins e os crioulos), falam-se mais de 2.000 línguas, um terço de todas as línguas existentes no mundo. Essas mais de 2.000 línguas dividem-se em quatro grandes troncos: o nigero-congolês, com 1.524 línguas; o afro-asiático, com 366; o coissã, com 24; o nilo-saariano, com 198. Essa incrível diversidade, essa complexa variedade, essa inigualável heterogeneidade é tratada de maneira indistinta, como um bloco homogêneo. Não reconhecer a identidade do outro é um dos modos mais perversos de discriminação.

Neste livro, que ora publicam, Margarida Maria Taddoni Petter e os outros autores querem alterar esse panorama. Eles resgatam uma dívida histórica e preenchem uma lacuna. De um lado, ao apresentar um livro de introdução ao estudo das línguas africanas, permitem que seu ensino possa espalhar-se pelos diferentes Cursos de Letras do Brasil. Afinal, uma das razões que se apresenta para não ensinar línguas africanas é a inexistência de bibliografia acessível para isso. De outro lado, possibilitam uma visão clara da complexidade linguística africana.

Este livro, já na introdução, começa por eliminar preconceitos ao discutir as noções de língua e dialeto e de oralidade e escrita. No primeiro capítulo, expõe-se o que é a Linguística Africana e a história de sua constituição e, em seguida, mostram-se suas contribuições teóricas para a Linguística Geral. No segundo, depois de discorrer sobre propostas de classificação das línguas africanas, apresenta-se sua mais recente classificação genética. Nos três capítulos seguintes, estudam-se características das línguas africanas em diferentes níveis de análise: a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica. No sexto, examinam-se as relações entre língua

e sociedade no contexto africano. Nos dois últimos capítulos, trata-se da presença das línguas africanas no Brasil, seja observando, de maneira original, sua influência na constituição do português brasileiro, seja analisando seu emprego como língua ritual nos terreiros de candomblé.

Este é um livro, ao mesmo tempo, acessível e erudito, pois tem origem num desejo firme de acabar com preconceitos, resgatando um dos elementos mais importantes de constituição da nação brasileira, e num estudo exaustivo da Linguística Africana. Com rigor e elegância, revela-se o rico panorama linguístico africano; expõem-se os traços característicos das línguas de África, apresenta-se a complexa relação entre língua e sociedade, mostram-se novas perspectivas para estudar a influência das línguas africanas na constituição do português do Brasil. Ao fazer tudo isso, derrubam-se ideias preconcebidas que aliam à África e a seus idiomas qualificativos como *primitivo*, *bárbaro*, *selvagem*. Mia Couto, em *As línguas que não sabemos que sabíamos*, citando o sociólogo indiano André Béteille, escreveu: “Conhecer uma língua nos torna humanos; sentirmo-nos à vontade em mais que uma língua nos torna civilizados” (em *E se Obama fosse africano?: e outras intervenções*, 2011: 23). Como os africanos nasceram numa extremamente complexa realidade linguística, todos falam mais de uma língua africana, além de falarem uma língua europeia, a dos antigos colonizadores. Portanto, vemos, pelos critérios de André Béteille, quanto nossas ideias sobre civilização devem mudar. O conhecimento é um caminho para derrubar preconceitos. Esse é o alcance político deste livro.

Os autores desta obra oferecem um material imperdível não só para os estudantes de Letras, mas também para os especialistas em África e para todos os interessados pela formação da nação brasileira.

São Paulo, numa nublada tarde do último mês de 2014.

José Luiz Fiorin (USP)

Introdução

Margarida Petter

Logo após a descoberta progressiva da África, no século xv, as línguas africanas começaram a atrair a atenção dos europeus. A necessidade de estabelecer o contato com os africanos fez os exploradores constatarem as diferenças entre os idiomas falados nos locais onde aportavam e obrigou-os à utilização de estratégias diversas para comunicar-se. Dessa forma, empiricamente, foi descoberta a grande diversidade de línguas faladas no continente africano. A partir do século xvi, a motivação prática foi cedendo espaço para o desejo de conhecer cientificamente essas línguas. Hoje, o estudo das línguas africanas está bastante avançado e encontra-se consolidado numa área de pesquisa específica, a Linguística Africana. É vasta a bibliografia produzida, publicada em inglês, francês, alemão, russo, japonês, entre outros idiomas. É notória, no entanto, a raridade de trabalhos escritos em português ou realizados por pesquisadores portugueses e brasileiros. Essa carência chega a ser incompreensível se levarmos em conta a relação cultural e econômica da África com Portugal e com o Brasil, principalmente, onde os estudos africanos deveriam ser estimulados, sobretudo a partir da Lei 10.639/2003, que instituiu o estudo da história africana e da cultura afro-brasileira no ensino fundamental e médio.

É, portanto, nesse contexto de escassez de fontes de pesquisa em português que se insere esta obra, que pretende oferecer uma visão concisa e atualizada do universo linguístico africano para um público bastante amplo: estudantes de Letras, estudiosos das culturas africanas e interessados pela investigação da presença africana no Brasil.

Após mais de dez anos de ensino de Linguística Africana no Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade

de São Paulo – que resultou na formação de mestres e doutores em Linguística Africana – julguei oportuno publicar este livro, em parceria com um grupo de ex-orientandos, hoje doutores, alguns deles professores em nossas universidades públicas. Suas teses trataram de diferentes tópicos dentro das duas vertentes de investigação que desenvolvemos no programa de pós-graduação em Linguística Africana: o estudo da fonologia, morfologia, sintaxe e semântica das línguas africanas e o estudo do contato entre essas línguas e o português no Brasil. São esses os temas que constituem os capítulos deste livro, que serão abordados, evidentemente, com base nas publicações de referência da área, mas com o objetivo de responder a interesses e questionamentos de brasileiros.

Para introduzir o leitor nas questões estudadas nesta obra, esclarecemos, na sequência, alguns conceitos importantes para se entender o tratamento que será dado nesta obra às variedades linguísticas faladas na África. A seguir, tendo em mente a preocupação de aproximar o leitor brasileiro do universo linguístico, apresentamos nossa proposta de grafia dos nomes de línguas africanas em português, atendendo ao objetivo de tratar com igualdade línguas outrora reconhecidas como exóticas, de acordo com as razões explicitadas em Fiorin e Petter (2008: 10-11). Essas denominações são utilizadas também nos gráficos e nos mapas, que, para fornecer informações relevantes ao leitor brasileiro, foram reelaborados em alguns aspectos. Para a confecção dos mapas contamos com a valiosa participação do geógrafo Matheus Menegatto, a quem agradecemos a colaboração competente e generosa.

* * *

As línguas da África foram (são) muitas vezes identificadas, de forma genérica, como dialetos, talvez em razão de se julgar que sejam utilizadas por pequenos grupos de indivíduos, por não serem escritas ou até por preconceito. É com a intenção de dissipar qualquer mal-entendido que o uso da designação “línguas” possa ainda provocar, e para que não se julgue impossível estudar esses “falares” porque eles não dispõem de escrita – são “ágrafos” – que se busca esclarecer logo de início, mesmo que de forma sucinta, a compreensão que se tem hoje dos conceitos de *língua*, *dialeto*, *oralidade* e *escrita*, tendo como referência principal o continente africano.

Língua e dialeto

A língua é um sistema de comunicação constituído por sons verbais (a língua oral) ou por sinais (a língua de sinais). Sob esse ponto de vista não há nada que a

distinga de dialeto, que é uma forma de expressão regional, utilizada também com a finalidade de estabelecer a comunicação. A distinção entre língua e dialeto vai aparecer quando se observa o caráter oficial da língua e o não oficial do dialeto. É bom lembrar que muitas línguas oficiais hoje, como o italiano, o francês, o espanhol, o catalão, entre outras, foram, no passado, dialetos que, por deterem maior prestígio (terem uma tradição literária, por exemplo) destacaram-se dos demais dialetos falados nos respectivos países, foram padronizados e reconhecidos pelo Estado como idiomas oficiais. Os dialetos são, portanto, variedades regionais que se tornaram ou poderão tornar-se, em razão de algumas circunstâncias sociais e políticas, idiomas oficiais de um país. O caráter oficial e geral da língua, em confronto com o traço local e particular do dialeto, evidencia que é mais político do que linguístico o critério para o reconhecimento de uma língua.

Embora o fato de ser padronizada e oficial confira uma avaliação sociocultural positiva à língua, do ponto de vista linguístico não se estabelece nenhuma distinção de valor entre língua e dialeto. É por isso que se pode afirmar que há 2.146 línguas na África, um terço das línguas faladas no mundo, de acordo com o inventário linguístico mais recente (Lewis et al. 2014). Convém lembrar que esse total exclui as línguas europeias dos antigos colonizadores (o inglês, o francês, o português, o espanhol); o africâner, língua originada do holandês do século XVII; o malgaxe, língua malaio-polinésia, falada em Madagascar, e outras línguas resultantes do contato entre línguas africanas e línguas europeias, como pidgins e crioulos. O universo de mais de 2.000 línguas é constituído apenas pelas línguas nativas do continente, reconhecidas pelos linguistas como membros de um conjunto de línguas geneticamente relacionadas, isto é, variedades linguísticas que devem ter tido no passado uma origem comum, uma protolíngua, da qual teriam derivado todos os idiomas atuais.

O número de línguas apontado na África não é fixo, porque há línguas que estão sendo “descobertas” pela descrição em curso e outras que estão desaparecendo, em consequência de reduzido número de falantes. Nessa identificação desempenha um papel importante a conceituação de *língua* e *dialeto*, pois o avanço dos trabalhos de descrição linguística pode rever antigas classificações, agrupando ou separando falares, anteriormente considerados como línguas distintas ou como dialetos (variedades regionais) de uma mesma língua.

Os conceitos de *língua* – forma padrão de um conjunto de variedades, idioma de uma nação, com muitos falantes, ininteligível para falantes de outras línguas – e *dialeto* – formas intercompreensíveis não padrão de uma língua, utilizados numa localidade, com poucos falantes – nem sempre auxiliam a análise, qualquer que seja o universo linguístico estudado. Por isso, muitos autores preferem adotar, na situação africana, a designação de *variedades linguísticas* para referir-se a casos

em que não está suficientemente clara a distinção entre língua e dialeto (Heine e Nurse, 2000: 2). Nesta obra, utilizaremos as designações de *língua* ou *variedades linguísticas* para todas as formas de expressão identificadas, reservando o termo *dialeto* para os casos em que a análise linguística constatou a relação de proximidade deste com a forma mais geral – a *língua*.

Oralidade e escrita

Todas as sociedades humanas desenvolveram um sistema de comunicação expresso por meio de sons orais e só mais tarde, há cerca de 5 mil anos, esse sistema pôde expressar-se por meio da escrita. Não foi só no processo histórico que a fala antecedeu a escrita, na aquisição de língua também se aprende a falar antes de escrever. Toda língua natural é, prioritariamente, oral,¹ a escrita é uma representação da língua falada. Na comunicação diária, também, a oralidade está mais viva e presente do que a escrita, a tal ponto que algumas sociedades organizaram-se de forma que o conhecimento do grupo pôde transmitir-se oralmente, de geração a geração, sem precisar da escrita. Essa possibilidade levou o sábio malinês Tierno Bokar afirmar:

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente.² (apud Hampaté Bâ, 2010: 167)

As primeiras manifestações da escrita apareceram há 5 mil anos, na Mesopotâmia (atual Iraque); foi nessa região também que se encontrou a forma mais antiga de representação de palavras escritas, por volta de 3.200 a.C. Chama-se de escrita a representação de palavras, sílabas, sons ou ideias. A escrita constituiu-se como sistema através de uma atividade coletiva e surgiu com a formação das primeiras cidades (Cagliari, 2009: 10-11). Outras regiões, como Egito, China, e América Central também teriam inventado sistemas de escrita. Por volta de 3 mil a.C., os egípcios desenvolveram sua escrita, com o uso de pictogramas (hieróglifos), que representavam basicamente as consoantes. Na África, como em outras regiões do mundo, algumas pessoas inventaram sistemas de escrita. Na Libéria, Bukele, em 1848, criou uma escrita ideográfica para as línguas dos vais, que depois se tornou um silabário. Isman Yusuf inventou o alfabeto somali. Njoya, da República dos Camarões, criou um sistema de escrita que começou com 510 ideogramas que passaram a ter depois um valor fonográfico (Cagliari, 2009: 12).

Segundo alguns autores, as sociedades africanas serviram-se da oralidade como forma preferencial de aquisição e transmissão de conhecimentos, constituindo-se como povos de “tradição oral”. Por isso, a oralidade não pode ser considerada um acaso da história e, qualquer que seja a causa e a consequência, ela é a manifestação de uma relação com o mundo e com a função de comunicação diferente das sociedades de escrita. Se a escrita inscreve a função de comunicação da linguagem numa linearidade que a libera das restrições espaço-temporais, em contrapartida ela exclui todos os fatores diretamente ligados à oralidade – influência da situação de comunicação e do interlocutor – que, por sua presença, torna imediatamente manifesta sua atividade interpretativa (Platiel, 1998:10). A oralidade permite o que a cultura escrita não mais permite: uma inscrição direta do ato de fala no tecido relacional do grupo e da dinâmica do universo cultural e social (Derive, 2006: 266).

Lévi-Strauss vê a oralidade como sinal de autenticidade das relações. Depois de mostrar que todos os qualificativos privativos, como *sem escrita*, *sem tecnologia* dissimulam, na verdade, uma realidade positiva, escreve:

Nós somos ligados ao nosso passado não mais por tradição oral, que implica um contato vivido com pessoas – contadores, sacerdotes, sábios, anciãos – mas por livros empilhados na biblioteca, e através dos quais a crítica se aplica – com que dificuldades – a reconstruir a imagem de seus autores. E no plano do presente, nós nos comunicamos com a imensa maioria de nossos contemporâneos por um tipo de intermediários – documentos escritos ou mecanismos administrativos que ampliam, sem dúvida, imensamente nossos contatos, mas conferem-lhes, ao mesmo tempo, um caráter de inautenticidade. Esta se tornou a própria marca das relações entre o cidadão e os poderes. (1958: 400-401)

Por outro lado, o “mito de uma África sem escrita” e, portanto, “sem história, literatura ou cultura” – que serviu ao colonialismo – funda-se na convicção de que *escrita* é a notação gráfica do som desnudo de sentido, como na escrita alfabética latina – modelo ocidental de civilização. Para Battestini, a situação africana deve ser abordada de modo interdisciplinar; assim, os modos de conservação da memória e do pensamento, bem como da transmissão de mensagens codificadas no tempo e no espaço devem ser tratados dentro de uma abordagem semiótica que considere todos os sistemas de escrita, onde escrita remete a textos, não a sons, isoladamente, desprovidos de significado. Para dar conta desse projeto, esse autor propõe uma redefinição do conceito de *escrita*, segundo o qual todo “traço codificado de um texto” seja considerado *escrita* (1997: 21). Dessa forma, uma variedade de suportes poderia remeter a textos, como os pesos de ouro acan,³ as tampas de painéis de Cabinda,⁴ as presas de elefante esculpidas, móveis, objetos rituais, tecidos. Esses elementos são formas de *escrita*, segundo esse autor, porque remetem a significados textuais nas diferentes sociedades que os produziram.

Mesmo que se considere a escrita em seu sentido estrito – sinais gráficos que traduzem sons da linguagem – a África teve formas reconhecidas como tal, como as escritas egípcia, copta, amárica, núbia e meroíta, presentes em inscrições e textos. Além disso, a escrita árabe foi utilizada para transcrever outras línguas africanas, sendo conhecida como escrita *aljamia* (ortografia árabe usada para escrever línguas africanas ou outras). Com a chegada dos europeus, o alfabeto latino foi empregado desde o século xv para transcrever línguas africanas.

Os hieróglifos egípcios foram utilizados na África subsaariana até uma época tardia. O padre Antonio Cavazzi (1687) afirma que a escrita hieroglífica era utilizada nessas regiões angolanas. Em 1896 foi descoberta uma inscrição hieroglífica nos rochedos de Tete, em Moçambique, ao longo do rio Zambeze, cujo texto foi publicado na época. Os vaís, habitantes da Libéria, utilizaram por muito tempo uma escrita pictográfica em cascas de árvores (Diagne, 2010: 247-282).

A fala precedeu a escrita na África, da mesma maneira como ocorreu em todo mundo, se por escrita se entender não somente a inscrição de signos (prática que deve ter precedido a linguagem verbal), mas enquanto técnica que permite representar graficamente a linguagem articulada. O fato de que um bom número de pensadores tenha apresentado a passagem à escrita como condição *sine qua non* para alcançar um grau de reflexão elaborado, que permite o recuo em relação ao enunciado e, por conseguinte, a análise, contribuiu para considerar a oralidade como um modo de cultura elementar, menos elaborado, em termos de complexidade de pensamento, que o modo de cultura escrita. Atualmente, esse modo de pensar está superado, pois a oralidade pode ser tão ou mais elaborada e complexa quanto a escrita, como comprovam inúmeros estudos linguísticos dedicados à língua falada (Derive, 2006: 265).

Hoje, não se pode afirmar que a África não possui escrita, seja qual for o sentido em que se tome esse conceito, como também não se pode defender que a presença ou ausência de escrita impeçam o estudo de uma língua, porque o trabalho descritivo e analítico do linguista se faz, prioritariamente, a partir da materialidade sonora da língua, ou seja, da oralidade. A questão que se coloca, agora, no continente africano, é a passagem de suas línguas para o meio escrito e o seu uso sob essa forma de comunicação. Em princípio, todas as línguas que foram objeto de descrição e análise estão escritas e aptas a circular sob esse meio; no entanto, a realidade é bastante diversificada. Para que uma língua já *gramatizada* (Auroux, 1992), isto é, dotada de gramáticas e dicionários, preencha as funções de uma *língua escrita* é necessário que haja condições adequadas para seu uso e difusão, o que implica, principalmente, seu ensino formal. No que se refere à África ao sul do Saara – região de que trata este livro – as condições e a vontade política dos governos nem sempre favoreceram o ensino em língua materna, mas muitos países africanos vêm privilegiando iniciativas

de inserção do ensino de/em línguas africanas, pois entendem a importância dessa prática para o desenvolvimento de suas sociedades (cf. nesta obra o capítulo “As línguas no contexto social africano”).

Ao coletar textos da tradição oral e produzir estudos sobre as línguas africanas – que são essenciais para a redação de gramáticas e dicionários –, os linguistas contribuem para que os cidadãos africanos tenham garantidos os seus direitos linguísticos de não só falar, mas ler e escrever em suas línguas. Mas a Linguística Africana tem, também, outros propósitos, como se verá no primeiro capítulo, que apresenta os objetivos da Linguística Africana e situa sua importância, tanto para os falantes quanto para a teoria linguística. Nesse capítulo retoma-se a cronologia da constituição dessa área de estudos e destaca-se o conhecimento teórico que o estudo das línguas africanas trouxe para a linguística geral. O segundo capítulo discorre sobre as classificações propostas para as línguas da África e apresenta a classificação genética mais recente das línguas do continente africano. Os quatro capítulos seguintes abordam tópicos de descrição e análise linguística – a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica das línguas africanas – e o estudo das relações entre língua e sociedade no continente africano. Os dois últimos capítulos tratam da presença de línguas africanas no Brasil, desde sua participação na constituição do português aqui falado até a sua permanência em cultos afro-brasileiros.

Antes de iniciar esse percurso apresentamos nossa proposta para a escrita dos nomes das línguas da África em português, organizada por Francisco da Silva Xavier, Cleonice Candida Gomes e Margarida Petter.

A grafia dos nomes das línguas africanas

A ausência de publicações especializadas sobre endônimos (nome pelo qual um povo designa sua própria língua) e os entraves de adaptação ortográfica relacionados com as limitações dos sistemas de escrita têm gerado uma série de grafias flutuantes em língua portuguesa de nomes de línguas africanas. É o caso, por exemplo, das representações contemporâneas do nome iorubá, que apresenta as formas concorrentes *yoruba*, *yorubá*, *ioruba* e *iorubá*, embora apenas as duas últimas sejam reconhecidas pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – levantamento publicado pela Academia Brasileira de Letras que indica a grafia e a pronúncia das palavras em uso no Brasil. Não raro, seja no meio de expressão acadêmica, seja no meio de expressão popular, alguns autores emprestam, por meio do emprego de formas alternativas a regras ortográficas, uma nota de exotismo ou de exclusividade às línguas e culturas africanas.

Entretanto, seguindo as ponderações de Fiorin e Petter (2008: 10-11), consideramos que tratar com absoluta igualdade as línguas e culturas africanas também em termos de ortografia vigente, escrevendo seus nomes como qualquer outra palavra existente em português, é demonstrar uma atitude respeitosa com relação a essas línguas e culturas. Desse modo, seguindo a norma corrente, além de propor uma escrita adaptada das designações linguísticas, grafaremos com inicial minúscula tanto os nomes das línguas quanto o dos povos africanos.

A tarefa de adaptação de nomes, contudo, não é das mais fáceis. Se por um lado, a adaptação ideal dos nomes de línguas africanas deveria tomar como ponto de partida o seu endônimo, por outro lado, a denominação nativa nem sempre consta da literatura especializada. É comum também utilizar nomes já consagrados pelo uso, ainda que algumas vezes a designação seja, na origem, pejorativa (como é o caso, por exemplo, de uma língua da Costa do Marfim, o ebiê, cujo significado é ‘sujo’ – nome dado pelos aburês, povo vizinho – em vez do endônimo *chiamã*). Há também casos em que o endônimo é conhecido, mas, por força do hábito, emprega-se sua forma reduzida (caso, por exemplo, de suaíli, em vez da forma integral *quissuáli* (*kiswahili*). Igualmente concorrente à adaptação ideal dos nomes das línguas africanas é o fato de um dado sistema de escrita não possuir os sons (ou letras) presentes no nome da língua de origem a ser adaptado, caso particularmente visível nos nomes que apresentam consoantes cliques (por exemplo, o nome da língua !xũ:).

Cientes dos entraves citados no parágrafo anterior e da necessidade de uma padronização em nosso trabalho, apresentamos neste documento uma lista de nomes das línguas africanas adaptados ao português. Ela inclui os nomes das línguas, grupos e variedades dialetais citadas e analisadas neste volume, alguns dos quais já registrados em obras lexicográficas de referência em língua portuguesa. Para proceder à adaptação dos nomes de línguas ainda não registrados nessas obras, tomamos como referência as denominações utilizadas em inglês e francês, duas línguas de grande alcance na área de pesquisa sobre línguas e culturas africanas. Em paralelo, analisamos os endônimos disponíveis na literatura a fim de interpretar a pronúncia original que os pesquisadores das duas línguas de referência tentaram representar em seus sistemas de escrita. Sempre que possível, empregamos uma consoante ou vogal do português que apresente características fonéticas e fonológicas semelhantes à consoante ou vogal presente nas duas línguas supracitadas, tomando por base a descrição do modo e do ponto de articulação de uma consoante ou, no caso de uma vogal, a descrição dos traços de anterioridade e de abertura que a compõem. Procedemos a uma comparação de segmentos a fim de abstrair um segmento existente no português que possua semelhança articulatória, por apresentar a maior quantidade de traços em comum, com o segmento da língua que tomamos como referência para a adaptação.

português	inglês	francês	endônimo
!kung, !xuun, ju	!Kung, !Xuun, Ju	!kung	!xū:
!xóô, taá, !khong aari, ari, aarai	!Xóô, Taa, !Khong Aari, Ari, Aarai	!xóô aari	k!xón, taa ʔaan ʔa:ri
abrom, abrone, bono, brongue, doma, guiama	Abron, Bono	abron, brong, doma, gyama	
acã, acane, tui, fante	Akan, Twi, Fante	akan	
adamaua-ubangue	Adamawa-ubangi	adamawa-oubangi	
agau, agueu	Agaw	agew, agaw, agaou	
aguém	Aghem	aghem	àgẽ
assaque, assa	Asax, Asa, Aasax	asax	asax
aujila	Awjilah	awjilah	
aungue	Awngi	awngi	'awŋi
baça	Baka	baka	
bade, bede	Bade, Bede	bade	
baguiro	Bagiro	bagiro	bagiro
balanta, balante, balanta-ganja	Balanta, Balanta- Ganja	balanta, balante	
bambara	Bambara	bambara	bambara
banda-linda, banda	Banda-Linda, Banda	banda-linda, banda	
baraíne, julia, jalquia	Barein, Giulia, Jalkia	baraïn	
bedanga	Bedanga	bedanga	
bedauê, beja, hadarebe	Bedawi, Beja, Hadareb	bedawi, beja	tu: beða:wje
benche, guimira	Bench, Gimira	bench, gimira	bénts, béntsón
berbere	Berber	berbère	tæmæ'ziyt, 'θeqβæjɪθ
betê	Bété	bété	
bilim	Bilin	bilin	
bogom, bogome	Boghom	boghom	
buchongue	Bushoong	bushoong	
burje	Burji	burji	
burungue	Burunge	burunge	
cabile	Kabyle	kabyle	
cado, cadulhe, tuntume	Kadu, Kadugli, Tumtum	kadu, kadougli	
cambata	Kambata	kambata	kambata
câmue, higuí	Kamwe, Higgi	kamwe, higgi	
cantanga, agauinha, sintanga, camire, canta	Xamtanga, Agawinya, Simt'anga, Xamir, Xamta	xamtanga	'χamtaŋa
canúri	Kanuri	kanuri	
caro, chere, quere	Karo, Cherre, Kere	karo	
cassim, cassem	Kasem	kasim, kassem	kàsĩm
catabaniano, catabanite	Qatabanian	qatabanite	
catla	Katla	katla	ka:lak
chaá, cheá	Chaha, Cheha	chaha, cheha	ʔjeha:
chabo, miqueíre	Shabo, Mikeyir	shabo	
chengue	Sheng	sheng	dʒib:aɪli
chere, jibale, cherete	Shehri, Jibbali	sheret, jibbali	

22 Introdução à Linguística Africana

chilungo, lungu, mambue	Chilungo, Lungu	mambwe, lungu	
chua, chuacue	Shua, Shuakhwe	shua	
clao	Klao	klao	
coalibe	Koalib	koalib	
coe, coecoe	Khoe, Khoekhoe	khoïkhoï	
coissã, coisa	Khoisan	khoisan	
comane	Koman	koman	
come	Komi	komi	
cordofaniano	Kordonafanian	kordofanien	
coッサ, issicossa	Xhosa, Isixhosa	xhosa	isilhó:sa
cua, kwa	Kwa	kwa	
cuade, cuadi	Kwadi	kwadi	
cuara, cuarenha	Kwara, Qwareña	kwara	
cua-tsua	Kwa-Tsua	kwa-tsua	
cuê, coe	Khwe, Kxoe, Khoe	kxoe, khoï	
culiaque	Kuliak	kuliak	
cunama	Kunama	kunama	
cuchita, cuchita	Cushitic	couchitique	
daalo, sanhe	Dahalo	dahalo, sanye	
dangaleate, dangla	Dangaléat, Dangla	dangaléat	dánlâ
dassanaque, gueluba, dama, marile, rechiate	Daasanach, Gelubba, Dama, Marille, Reshiat	dasenech	
defaca	Defaka	defaka	
deguema	Degema	degema	degema
dida	Dida	dida	
dime, dima, dimafé	Dime, Dima	dime, dima	dimaaf
dinca, tuonchangue	Dinka	dinka	tuonjân
diola-fonhe, diola, jola	Jola-Fogny, Jola, Diola	diola, diola-fogny, joola	dʒo:la fɔ:ni
diúla, jula, diulá, julacã	Jula	dioula	jùlakan
dogon, dogone, dogosso	Dogon	dogon	dogoso
dulai, samaco, samai	Dullay, Ts'amakko, Tsamai	dullay, tsamai	
ebriê, chiamã	Ebriê, Kyama, Tsama	ébrié, tchaman	tʃamã, cama
ejagã, ejagame, ecoi	Ejagham, Jagham, Eкои	ejagham	
fula, fulane, peúle, pular, fulfulde	Fula, Fulani	peul	fulfulde, pulaar, pular
gafate	Gafat	gafat	
gauada, gauata, cauada	Gawwada, Gawata, Kawwada	gawwada	
gbaia, gbaia-bozom, bocoto, bozom	Gbaya, Gbaya-Bozom, Bokoto	gbaya, gbaya-bozom, bokoto	gbaja, bòkòtò, bozôm
gauda	Gawwda	gawwda	
gbanzile	Gbanzili	gbanzili	
giís	Gi'iz	Gi'iz	
gonga-guimojano	Gonga-Gimojan	gonga-gimojan	

goroua, fiome	Gorowa, Fiome	gorowa	
guangue	Guang	guang	
guem-mina, mina	Gen-Mina	gen-mina, mina	
hadia, adia	Hadiyya, Adiya	hadiyya	
hadrame	Hadrami	hadrami	
hadza	Hadza	hadza	
haca	Haka	haka	
hamer-bana, hamer	Hamer-banna, Hamer	hamer-bana, hamer	
harare	Harari	harari	
harsusse	Harsusi	harsusi	harsu:si
hassânia	Hassaniya	hassanya	
hauçá	Hausa	haoussa	hausa
iacó	Yaaku	yaaku	
iao, chiao	Yao	yao	ciao
iéi, chiei	Yeyi	yeyi	fjej
igbo, ibo	Igbo	igbo	igbo
ijo	Ijo	ijo	ɪʒo
iorubá, ioruba	Yoruba	yorouba	iorùbá
ique	Ik	ik	
iraco	Iraqw	iraqw	káŋgw iraqw
izi	Izi		
jibale	Jibbali	jibbali	
kpele, guerze	Kpelle	guerze	kpelee
lamangue	Lamang	lamang	laamang
lembama	Lembaama	lembaama	lembaama
lendo, baleda, baledro	Lendu, Baledru	lendu	ḃālēḃā
lingala	Lingala	lingala	lingala
londo	Londo	londo	
luba, chiluba	Luba, Tshiluba, Ciluba	tshiluba	ciluba
luganda	Luganda	luganda	luganda
luo, doluo, lango, pare, miro, umiro, locoro	Luo, Dholuo, Lango, Päri, Lokoro	luo, dholuo, lango, päri, lokoro	ḡólúḡ, lanḡo, miro, umiro, lokoro
maá, mbugo, quimbugo	Ma'a, Mbugu, Kimbugu	ma'a, mbugu	
maba	Maba	maba	
mancanha, mancania	Mankanya	mankañ	
mandinca	Mandinka	mandinka	
mandinga, mandingue	Manding	manding, mandingue	
mande	Mande	mande	
manjaque, manjaco, manjaca, manjaque, mendiaco, ndiaque, canhope	Mandjak, Mandjaque, Mandyak, Manjaca, Manjaco, Manjaku, Manjiak, Mendyako, Ndyak, Kanyop	manjaque, manjaca, manjiak, mandyak, manjaku, manjack, ndyak, mandyako, kanyop, manjak	
margue	Margi, Marghi	margi	
massaba, lumassaba, guisso, luguisso	Masaba, Gisu, Lugisu	masaba, gisu	lumasaaba, lugisu

24 Introdução à Linguística Africana

massai, olmá, maá, quimassai, lumbua	Maa, Maasai, Masai, Kimaasai, Lumbwa	maa, maasai	ol máa, máa
massana, massa	Masana	masana, massa, masa,	
mbai, sara, chara	Mbay, Sara	mbay, sara	sara mbaj, s'ara
mbanja	Mbanja	mbanja	
meém	Me'em		
mende	Mende	mendé	
mere, maré	Mehri, Mahri	mehri, mahri	mehri
mescã, mescane, mescano	Mesqan, Mäsqan, Meskan	mäsqan	
moculo, moquilco, dioncor-guera, guerguico	Mokulu, Mokilko, Gergiko, Djonkor Guera	mokulu, guerguico	
mpiemo, mbiemo, mbimo, bimo	Mpiemo, Bimu	mpiemo, mbyemo	mbimu
mussei	Musey		
nianguiano, nianguia, nianguiã	Nyangiyan, Nyangia, Nyang'I,	nyangiyan, nyang'i	niangi
ndaou, chindau, xona, chona, chidanda	Ndaou, Chindau, Shona, Chidanda	ndaou, shona, chindau, chidanda	cindau
nuê	Nweh		
ngizim	Ngizim	ngizim	
nupe	Nupe	nupe	
oco	Oko	oko	oko
oromo, oromô	Oromo	oromo	afaan oromoo
poque, tofoque	Poke, Tofoke		
quadza, ngonvia	Kw'adza, Qwadza, Ngomvia	kwadza, kw'adza, qwadza, ngomvia	
quemante	Kemant, Qimant	kemant	kemantnej
quera	Kera	kéra	kera
quiaca, iaca, liaca	Yaka, Kyaka	yaka, kyaka	kijaka, lijaka
quicongo (quissicongo)	Kikongo	kikongo	kisikongo, kikongo
quicúria, iguicurua, curia	Kuria	kuria	igikuria
quifulero, quifuliro	Kifulero, Fuliiru	quifuliro, quifulero	kifuliiru, kifuleru, kifuriiru
quigiriama, guiriama	Kigiriama, Kigiryama	giriama, kigiriama	kigirjama
quimbundo	Kimbundu	kimbundu	kimbündü, kimbündü, címbündü
quisetla	Kisetla	kisetla	
quissi	Kisi	kisi	
quizigula, chizigula, zigula, zigua, muchungulo, muchungule	Chizigula, Zigula, Zigua, Mushunguli	zigula, zigua	kizigula, mufunguli, mufungulu
rendile	Rendille	rendille	
rube	Rub	rub	
sacaia	Sakaya	sakaya	
sandaue	Sandawe	sandawe	sändawëiki

sango	Sango	sango	jángá tí sãngō
sena, chisena	Sena	chisena, shena	cisena
sérer, serere	Serer	sérère	se:re:r
sessoto, soto	Sesotho, Sotho	sesotho, sotho	su:tu:
setsuana, tsuana	Tswana, Setswana	setswana, tswana	setswana
sidamo	Sidaama	sidama, sidamo	sida:mu afo
silte	Silt'e	silt'e	silt'ɪɲə, jəsilt'e af
siuo, siuosse	Siwu, Siwusi		
socoro	Sokoro	sokoro	
socotre	Soqotri, Socotri	soqotri, socotri	sak'at'ri
sodo, castane, quistane	Soddo	soddo, kistane	kəstane
somali	Somali	somali	af so:ma:li
songai	Songai	songai, songhay, songhai	soŋaj
suaíli, suaíle, quissuaíli, quissuaíle	Swahili/Kiswahili	swahili	kiswahili
sucuma, quissucuma	Sukuma	soukouma, kesukuma, kisukuma	kisukuma
sucure, sucur, adiquimo, guemassacune, guemassacun, sacule, sacul, sugure, sugur	Sukur, Adikimmu Sukur, Gemasakun, Sakul, Sugur	Sucur	
siua, siue, zenate	Siwa, Siwi, Sioua, Zenati	siwi	ʒlan: isiwan
sôo	Sôo	Soo	
supire	Supyre	supyre	
tarifite, rifenho	Tarifit	tarifit, rifain	
tachelite, chila	Tachelhit, Shilha	tachelhit, chleuh	tacelhijt
tamazigte	Tamazight	tamazight	
têmene	Temne	temne	kɔ tɛmne
teque, cuê	Teke, Kwe	teke, kwe	
tsoa, tsua, cua, chua, hiechware, chuao, chirechire, chiua, sarua, sessarua	Tsoa, Tshwa, Kua, Hiechware, Tshwao, Cire Cire, Tyhua, Sarwa, Sesarwa	tsua	
tsicha	Ts'ixa		
tsonga, changana, ronga, chitsonga	Tsonga, Ronga	tsonga, ronga	ʃironɔga, ʃitsongɔ
tuaregue, tamacheque, tamaaque	Tuareg, Tamasheq, Tamahaq	touareg, tamacheq, tamahaq	
tuma, cadulhe, cado central, crongo- cadulhe	Tumma, Kadugli, Central Kadu	kadu, kadugli, krongo-kadugli, kadougli	
tumaque	Tumak	tumak	

tumbuca, chitumbuca	Tumbuka	tumbuka	citumbuka
turcana	Turkana	turkana	ṅa-tùrkwanà
uale	Wali	wali	
uarje, uarjaua	Warji, Warjawa	warji, warjawa	waali
umbundo	Umbundu	umbundu	úmbúndú
uólofe, uolofe	Wolof	wolof	wolof lak:
vai, galinas	Vai, Gallinas	vai, gallinas	
volaita, velamo	Wolaytta, Wolaitta, Welamo	wolaytta, welamo	
xantanga	Xamtanga	xamtanga	
xona, chona, chichona	Shona, chiShona	shona, chishona	cifo:na
zulo, zulu, issizulo	Zulu	zoulou	isizulu
zumaia	Zumaya	zumaya	

Observações

1. Conservam-se as consoantes pré-nasalizadas [mp, nd, ṅg] e as labiovelares [kp, gb] da grafia original. Exemplos: mpiemo; gbaia; kpele.
2. Os nomes de línguas com consoantes cliques [!, †, ‡] mantêm a grafia integral utilizada na literatura. Exemplos: !xóǝ; !kung.
3. Cada coluna contém os diversos nomes pelos quais a língua (ou variedade dialetal) é identificada na literatura de referência.

Notas

- ¹ Ou visuoespacial, no caso das línguas de sinais. Existem formas de registro gráfico das línguas de sinais, dentre as quais a mais conhecida é o *Sign Writing* que, entretanto, não é usado largamente pelos usuários de línguas de sinais (comunicação pessoal do prof. Dr. Felipe Barbosa, a quem agradeço a informação).
- ² Tierno Bokar viveu de 1875 a 1939 em Bandiagara, no Mali. Grande mestre da ordem muçulmana de Tijaniyya e conhecedor das tradições africanas, teve seus ensinamentos divulgados por Hampaté Bâ, sobretudo, na obra *Vie et enseignement de Tierno Bokar: le sage de Bandiagara*, publicada em 1957.
- ³ Os pesos acans são feitos a partir de diferentes materiais: cobre, ouro, moeda, pedra, madeira, estanho, bronze. Sobre as peças estão gravados sinais que evocam as mais antigas escritas humanas e também os elementos de base da geometria (cf. www.casadasafricas.org.br).
- ⁴ Sobre as tampas de panela Ngoyo, cf. artigo de Carlos Serrano (1993).